Revista Brasileira de História & Ciências Sociais
Vol. 5 Nº 9, Julho de 2013

Uma “nobreza católica”: relações de poder e estratégias familiais dos Neves na paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro -PB.

Une “noblesse catolique”: relations de pouvoir et stratégies de la famille “Neves” sur le paroisse de São Sebastião do Umbuzeiro - PB

Valdênio Freitas Meneses*

Ramonildes Alves Gomes**

Resumo: O artigo busca analisar um processo histórico de interdependências e relações de poder caracterizado por um rodízio de gerações da família Neves ocupando posições dentro de mobilizações coletivas na paróquia São Sebastião do Umbuzeiro-PB. Tomamos como principal referencial a presença dos Neves nas lideranças de grupos de oração, comissões organizadoras e “noiteiros” da festa do padroeiro, tesourarias e secretarias da paróquia e na antiga “União Catholica” que administrava os bens materiais da igreja. Buscamos visualizar as principais estratégias familiais das parentelas dos Neves que, dentro de lutas simbólicas com outras famílias pelo controle dos espaços coletivos da igreja, buscam afirmar uma imagem de “ família santa” defensora do patrimônio material da paróquia.

Palavras-chave: figurações; interdependências; estratégias familiais; parentela.

Résumé: L´article analyse un process histórique d´interdependences et relations de pouvoir caracterisé par generátions de la famille Neves en occupant positions dans les mobilisations collectives de la paroisse de São Sebastião do Umbuzeiro-PB. Nous prenons avec principales referentiales la presence de membres de la famille Neves comme dirigeants de groups de prière, comissions d´organisateurs et sponsors de la fête de São Sebastião; trésoriers et secretáires de la parosse et dans l´ancienne “ União Catholica” qui administrait des biens matériels de l´eglise. Nous cherchons visualiser

* Mestrando em Ciências Sociais pelo PPGCS/UFCG. E-mail: valdeniofmeneses@hotmail.com
** Professora no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais PPGCS/UFCG. E-mail: rnildes@hotmail.com

des principales stratégies de la famille Neves dans une lute symbolique avec autres familles, pour affirmer une image de "la famille sante" la plus defenseuse du patrimoine de la paroisse.

Mots- clés: figurations; interdependances; stratégies de la famille.

INTRODUÇÃO

> *Os netos da turma da minha época não tem mais na cabeça a nobreza e o orgulho de sangue. Por mais que a gente não queira fica uma coisa impregnada. Quando diz "Neves" parece que é outra coisa. Eu sei que não é verdade e que somos iguais a todo mundo. Mas é um registro dentro da minha memória que não consigo apagar. Quando se trata de Umbuzeiro e uma pessoa diz "eu sou Neves" isso soa diferente aos meus ouvidos. – Luzinete Neves.*

Na noite de 11 de janeiro de 2013 a festa do padroeiro da cidade de São Sebastião do Umbuzeiro começa com uma procissão. Na frente do cortejo, carregando o estandarte do santo mártir, vai o Sr. Nivaldo Neves, um dos membros mais participativos do Terço dos Homens. No dia seguinte, um sábado, a Sra. Cacilda Neves conta das suas atividades na secretaria da paróquia nos primeiros dias da festa do padroeiro de São Sebastião do Umbuzeiro: junto com suas irmãs Maria Celeste e Carmínia ajudar a ornamentar a igreja para a missa da noite (dedicada ao Apostolado da Oração); organizar a confecção de camisas com a imagem de São Sebastião e, por fim, os preparativos para a procissão que será logo mais ao fim da tarde. Mesmo estando bastante ocupada, a Sra. Cacilda busca os álbuns de família e traz uma foto do seu pai José Vicente Neves, já falecido, que junto com o primo Joaquim Ferreira Neves foi um dos presidentes e tesoureiros da antiga "União Catholica", uma associação que funcionou durante a grande reforma no prédio da igreja nas décadas de 30 e 40 do século passado. E é na frente desta mesma igreja que, na fotografia, está José Vicente ao centro com um ramo de flores na mão ao lado de suas filhas, do padre João Jorge e de outras pessoas. Era a procissão da "passagem do ramo" que é feita todos os dias da festa de São Sebastião, em que um ramo é passado entre os "noiteiros" que são as famílias responsáveis por organizar um dia da festa do padroeiro. Sendo a família Neves a única a ter "noiteiros" duas vezes na festa de São Sebastião, as noites dos dias 12 e 13 de janeiro são especiais para a família Neves:

o ramo passará entre duas linhagens da família representados atualmente pela Sra. Zélia Neves e sua prima Cacilda Neves.

O ponto inicial deste artigo é a forma como o nome "Neves" ecoa nestes eventos da igreja, imprimindo uma marca distintiva a esta família. Destaca-se um processo em que se desenham interdependências e relações de poder através de gerações da família Neves que vão ocupando posições nos Apostolados da Oração, Filhas de Maria, Associações dos Vicentinos, novenas e comissões organizadoras da festa de padroeiro; "União Cathólica" e nas tesourarias e secretárias da paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro. Evidenciamos como a família Neves constrói uma imagem de si cerrando fileiras dentro de grupos paroquiais e que, ao tentar fixar e transmitir a herança "de família santa", constrói estratégias de controle ligadas principalmente ao patrimônio material da paróquia. Por fim, o artigo nos serve como base para pensar como se fez, através da igreja, uma espécie de "processo de acumulação primitiva" de um capital político dos Neves, que é canalizado para outras esferas, como a prefeitura municipal e associações de trabalhadores rurais.

O artigo está dividido em três partes. 1) Abordagem teórica e metodológica através de confrontos entre os conceitos de figuração e interdependências (ELIAS, 2006); trajetórias, contradições da herança e reprodução social (BOURDIEU, 2007; 2009) e nos estudos sobre a família influenciados pelo trabalho de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1985) acerca da "parentela brasileira" e seus sistemas de lealdades, alianças e conflitos. Há ainda uma reflexão sobre o trabalho etnográfico realizado em 2013 durante a festa do padroeiro de São Sebastião do Umbuzeiro. 2) A trajetória dos Neves vista através da ocupação de posições estratégicas em associações e grupos de oração na igreja de São Sebastião do Umbuzeiro. Enfatizamos a constituição histórica de uma das principais estratégias de legitimidade das relações de poder articuladas pelos Neves: o elo da família com as posições de administração do patrimônio material da igreja. 3) Um tópico dedicado a festa do padroeiro ou a "festa de janeiro": através de etnografia analisamos como o elo entre os Neves e a igreja católica é posto em jogo através de conflitos quanto a "defesa" dos rituais da procissão do ramo que ocorreram durante a festa do padroeiro de 2013.

1- RELAÇÕES DE PODER E A REPRODUÇÃO DA FAMÍLIA: FIGURAÇÕES, INTERDEPENDÊNCIAS E O JOGO DAS PARENTELAS.

Visualizamos a família Neves e sua relação com a paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro, através de um processo social que envolve interdependências de indivíduos e grupos que se estendem em relações de poder sob uma dimensão espaço-temporal, ao mesmo tempo demarcando uma categoria família, a partir da qual os Neves se apresentam (ELIAS, 1994).

Sob a problemática das interdependências estabelecidas na vida social, Norbert Elias (1994) propõe uma desistência de pensar os processos sociais como ligações entre substâncias isoladas (a imagem do *homo clausus*) voltando-se para os aspectos relacionais que caracterizam fenômenos sociais. Os modelos explicativos alinhados nos pólos entre agência e estrutura apresentam falhas por negligenciarem o fato de que indivíduos e grupos encontram-se relacionados, sendo a sociedade formada justamente nas dependências articuladas nessas relações - as figurações sociais. Por isso, a abordagem figuracional condiz com uma leitura mais abrangente dos processos sociais enfatizando a tarefa da investigação sociológica que consiste no diagnóstico e na explicação de “tendências de longo prazo e não planejadas, mas ao mesmo tempo estruturadas e orientadas” (ELIAS, 2006, p.187). Neste sentido, o poder e a dominação longe de serem dados como “objetos” que podem ser obtidos como posse ou atributo adquirem o caráter relacional sendo distribuídos e concentrados entre diferentes proporções nas figurações sociais dependendo da forma como indivíduos e grupos se encontram interdependentes (LOYAL, QUILLEY, 2004, p.7).

É justamente na dimensão do poder que se estabelecem tensões entre o conceito de figuração e o de campo[1] em Bourdieu. Em defesa do segundo, Dechaux (1995) destaca que ao insistir em visualizar equilíbrios e oscilações de forças entre indivíduos interdependentes, o conceito de figuração acaba por naturalizar uma noção de “poder”: tudo se desenrola como se os protagonistas tivessem um desejo de poder natural dentro de um consentimento as regras do jogo concorrencial – supõe que a competição é

[1] “Sistema de relações objetivas entre posições ocupadas por agentes que se encontram em disputa de poder dentro de microcosmos sociais dotados de propriedades específicas (BOURDIEU, 2009, p. 67). Estas propriedades são dadas pelos bens e capitais que estão em disputa no campo e que são incorporados através do habitus que fornece coerência a um conjunto de práticas dos agentes sociais.

imanente à sociedade (DECHAUX, 1995, p.303). Apesar das limitações para analisar processos sociais a longo prazo, o conceito de campo possui capacidade mais ampla de captar por quais mecanismos de disputa entre agentes sociais é que se produz caráter específico de "poder" e de como ao mesmo tempo são fixadas condições para a existência do mesmo dentro dependendo das condições de disputas travadas no interior dos campos.

Woortman (2004) destaca as etnografias que Pierre Bourdieu fez na sua aldeia natal na França e entre os cabila na Argélia para discutir práticas de reprodução social sustentadas por um habitus e estratégias do grupo familiar. Em contraposição à percepção formalista e estática do parentesco dos mapas genealógicos, Bourdieu evidencia o "parentesco prático" que é uma espécie de jogo de práticas e estratégias "não orquestradas" que envolvem alianças, casamentos e patrimônios de uma casa (*maison*), a qual envolve mais que uma unidade de parentesco, que vai além de uma família, assim:

> O que é *maison*? Trata-se de uma unidade de parentesco, uma *lignée*, mais do que uma família ou grupo doméstico (...) Diz Bourdieu que no *Bèarn* o verdadeiro sujeito das alianças matrimoniais é a terra. Seria melhor dizer que o sujeito é a *maison*, a qual por certo inclui terra, mas também nome e tradição. (WOORTMAN, 2004, p. 130)

Se ampliarmos essa noção de *maison,* colocando muito mais do que a reprodução de elementos materiais em jogos matrimoniais, podemos fazer uma ponte com o que Maria Isaura Pereira de Queiroz (*1985)* chama de parentelas que é formado por famílias, suas economias particulares e uma forte solidariedade interna de lealdades entre os membros (QUEIROZ, 1985, p. 167). Os compadrios e alianças apoiados por laços e sistemas de lealdades sustentam-se até em parentelas que habitam afastadas geograficamente das outras. Contudo, Maria Isaura (1985) destaca que as relações de dominação intra e extra parentelas não são estáticas, mas dotadas de mobilidades e tensões:

> Dentro e fora das parentelas as relações podiam ser de aliança, com base nos laços afetivos e semelhanças de interesses econômicos e políticos, mas também de competição e rivalidade, que dava a possibilidade de rupturas dentro das parentelas (...) A pirâmide da parentela não era estática e imóvel: havia em seu interior camadas sócio-econômicas uma dinãmica de ascensões e descidas que tanto podia agir como elemento de reforço de sua continuidade como constituir um fator de fragmentação interna. (QUEIROZ, 1985, p. 168)

Um estudo bastante influenciado pela abordagem de Pierre Bourdieu junto com a noção de "parentela brasileira" é a pesquisa que André Heráclio do Rego (2008) faz da trajetória de sua própria família que foi berço de coronéis e políticos de Pernambuco e na Paraíba. Através do conceito de "estratégias familiais" pode-se visualizar os meios pelos quais uma família construiu um capital simbólico," graças sobretudo a institucionalização de uma imagem ideal a ser transmitida à sociedade "(HERÁCLIO DO REGO, 2008, p. 18). Tais estratégias podem ser múltiplas: casamentos, a partilha de terras, o compadrio, alianças políticas e até mesmo a disposição e divulgação nas fotografias da família. O que importa é tentar revelar esquemas de percepção comuns a todo um grupo que marque a imposição de um nome, que é ao mesmo tempo, a instituição de uma identidade (HERÁCLIO DO REGO, 2008, p.20).

Interessa analisar os meios e estratégias pelos quais a família Neves busca através de um jogo - que envolve pelo menos duas de suas parentelas - impor um selo histórico de "família católica" de São Sebastião do Umbuzeiro. Sustentamos que a marca distintiva dos Neves foi constituída principalmente através de posições e lutas travadas com outras famílias dentro de grupos de oração, associações ligadas aos bens da paróquia e comissões organizadoras da festa do padroeiro. Esses momentos mais coletivos, nos quais grupos são mobilizados e aqui são tomados como referenciais temporais-espaciais dentro de uma abordagem processual e figuracional (ELIAS; SCOTSON, 2000). Em termos de documentos**,** as principais fontes de pesquisa foram os livros de atas do Apostolado da Oração (entre 1913-1937); da extinta "União Cathólica" (entre 1937-1971); da associação dos Vicentinos (1997-2008) e convites com as programações e comissões organizadoras da festa do padroeiro dos anos de 1976-1977; 1987 e de 1991 até 2013. Uma fonte que também é referência bibliográfica é o livro *Na Sombra do Umbuzeiro* do Pe. João Jorge Rietveld (1999), que foi pároco de São Sebastião do Umbuzeiro durante 12 anos. O livro constitui um importante esforço de pesquisa do padre nos arquivos da paróquia diante de um quase "vazio" de produções acadêmicas sobre a história dos municípios da região do Cariri Paraibano. Problematizaremos também, as polêmicas que outras famílias, como os Fernandes, travam em torno da publicação do livro do Pe. João na medida em que este faz certa aproximação favorável à família Neves.

Por fim, complementando a pesquisa documental também foram realizadas onze entrevistas, sendo cinco com pessoas da família Neves além da busca de evidências, através de uma etnografia realizada durante os nove dias da festa de São Sebastião no ano de 2013, também chamada “festa de janeiro”. Foram observados os principais eventos da festa, com atenção especial para a procissão do ramo. Sendo mais do que uma técnica ou método de pesquisa a etnografia consiste em um processo interativo e prático que envolve situações de reelaboração entre o investigador, suas práticas e a representação dos grupos estudados (OLIVEIRA, 2004). Vale destacar que esta etnografia incorpora uma relação de proximidade entre o pesquisador, através de laços de parentesco, com pessoas do município de São Sebastião do Umbuzeiro. Este fator “familiar” traz à tona a reflexão de Gilberto Velho (1978) sobre como identificar elementos que dão continuidade a determinadas relações e situações mantendo a vigilância de que o grau de familiaridade com “uma realidade” não necessariamente significa um conhecimento coerente sobre a mesma. Mesmo não sendo da família Neves, possuo laços de parentesco, por parte de pai, com a família Umburana/Meneses que tem proximidade com a igreja a qual contou com a participação ativa da minha avó durante a construção, quando esta foi por muitos anos presidente dos Vicentinos e fazia parte das comissões de ornamentação e corais da paróquia. Apesar das tensões que envolvem este duplo (ou até mais que duplo) papel de pesquisador, que é ao mesmo tempo visto como “filho, neto ou irmão” de alguém conhecido na cidade, esta condição permitiu importantes aberturas para algumas entrevistas e acesso aos cadernos de atas nos arquivos da paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro.

1- OS NEVES: AUTOPROCLAMADOS “ ZELOSOS E GUARDADORES” DO PATRIMÔNIO DA PARÓQUIA

As pessoas que possuem casas em boa parte da área de São Sebastião do Umbuzeiro pagam uma espécie de “imposto territorial” à paróquia. “A taxa do patrimônio” tem origem em uma doação de terras que foi feita em 1869 e que marca também a fundação da freguesia que deu origem a São Sebastião do Umbuzeiro. A família Neves está envolvida em uma série de disputas que buscam legitimar uma versão “verdadeira” da história da doação do patrimônio da paróquia. Listamos abaixo pelo menos duas versões:

A) **A versão oficial da paróquia da doação do patrimônio junto com a construção da capela de São Sebastião**: é a versão geralmente defendida pelas pessoas da família Neves. Nela conta que o capitão Mariano José das Neves, neto de portugueses[2], veio da fazenda Ipoeiras e se estabeleceu com sua família em algumas terras inabitadas que eram próximas as nascentes do rio Paraíba. As terras estavam vazias, pois os antigos habitantes, os índios Cariri, haviam sido exterminados ou expulsos. Bastou ao capitão Neves pagar um imposto à igreja e a Coroa para ter a posse das terras. Após sobreviver a uma epidemia de cólera em 1850, o Capitão das Neves faz uma promessa a São Sebastião: encomenda uma imagem do santo na França e começa a construção de uma capela para o santo. Em 1860, além de começar a construção da igreja, Mariano das Neves articulou-se com o capitão Laurentino Ventura da fazenda Umbuzeiro e conseguiu um patrimônio de 250 braças quadradas para a igreja. Então, Mariano José das Neves foi um fundador que não só "deixou uma igreja de tijolos, deixou também a sua família para zelar esta igreja, até os dias de hoje" (RIETVELD, 1999, p.89). Outro detalhe desta versão da fundação é o fato de que o capitão Mariano José das Neves tinha conflitos[3] com o capitão João José da Silva que, pouco antes da chegada dos Neves, já estava estabelecido em um local que até os dias atuais tem o nome de fazenda Santa Clara. João José se negou a ceder patrimônio para a construção de uma capela para São Sebastião, pois já tinha uma capela na sua fazenda desde 1863. As disputas entre os dois capitães e as "suas" duas capelas foi o que "decidiu" a atual localização da igreja matriz de São Sebastião do Umbuzeiro e do próprio município. Tal disputa também é utilizada como justificativa para explicar a atual rivalidade política entre a família Neves e a família Fernandes que é formada por descendentes de João José da Silva.

B) **Uma versão que separa a doação do patrimônio da construção da capela**: Em uma entrevista, o Sr. Inácio Souza, que foi prefeito duas vezes aponta para mais uma

---

[2] De acordo com as linhagens feitas por Rietveld (1999) o Capitão Mariano das Neves é neto de Isabel Maria das Neves, filha do advogado português Manoel Antônio das Neves que veio legislar no Brasil em 1750 e estabeleceu residência em Nazaré da Mata, Pernambuco. Isabel casou com o capitão Manoel Fernandes da Silva dono da fazenda Ipoeiras que ficava na área do município de Camalaú, próximo a São Sebastião do Umbuzeiro. Com a morte do marido, Maria Isabel continou cuidando dos 19 filhos em Ipoeiras, que geraram uma prole de netos. Entre eles estava Mariano das Neves.

[3] Nestes conflitos entre os Capitães Neves e João José houve duelos de espadas e até mesmo um insulto que é considerado grave na região do Cariri: "ladrão de bodes" (RIETVELD, 1999, p.89)

versão em que a capela de Mariano das Neves foi construída antes e não depois da doação de terras:

> **Inácio Souza** - (...) Olhe a origem disso aqui é que os matuto (...) quando vinha do Recife (...) do interior do Sul do Pernambuco (...) vinha carregado de mercadoria, tinha um pé de Umbu ali (...) Então por falar na origem ai surgiu a origem do Umbuzeiro (...) Então passou aqui a ser São Sebastião do Umbuzeiro, né? Agora a origem tinha ali Laurentino Ferreira Ventura (...) e tinha um fazendeiro dos Feitosa (...) então esses foram os fundadores e teve o doador do patrimônio foi Damiãozinho.
>
> **Valdênio**- Ai já tinha a igreja essa época?
>
> **Inácio Souza** - Não, não tinha a igreja (...) Então em 1850 veio uma peste da cólera aqui (...) Então Mariano das Neves que é desse pessoal dos Neves daqui da origem daqui (...) são muito católicos (...) naquela época não tinha recurso pra onde tirar, nem tinha estrada, nem tinha médico (...) então a única solução foi fazer um voto e trazer São Sebastião pra construir uma capela e colocar (...) Com a devoção dele ai começou a capela e depois veio a doação (...) (...) já tinha a doação com Maria Mansa, né? Que era esposa do Daminhãozinho né?

Nesta versão, o capitão Mariano das Neves é visto apenas como construtor de uma capela para São Sebastião e não principal articulador da doação das terras da fazenda Umbuzeiro. A doação foi feita por um grupo de pessoas encabeçado por Damião José da Silva (Daminhãozinho) e sua mulher Isidora Maria de Jesus (Maria Mansa) que deram o nome de doadores de uma terra que era a localidade “Umbuzeiro”, um ponto de parada de tropeiros. A doação teve a anuência do dono das terras, o capitão Laurentino da Costa Ventura. Esta versão é fonte para inúmeras outras interpretações que, inclusive, chegam a colocar que Mariano das Neves não teve participação alguma na doação do patrimônio. Tendo o Cap. João José da Silva, negado a doar o patrimônio da Santa Clara para seu parente Daminhãozinho, o nome de Mariano das Neves foi incluído no documento de demarcação das terras apenas por que era importante ter alguém com um título de capitão no registro.

Independente de delimitar qual versão teria menos incongruências; nos interessamos pelo que parece ter mais força de “verdade” que ganha o ponto de vista, corroborado por Rietveld (1999), que defende que o Capitão Mariano das Neves foi o principal articulador da doação do patrimônio da igreja, dando a este praticamente o título de fundador de São Sebastião do Umbuzeiro. E é através da legitimação deste enredo do capitão Neves como fundador que se inscreve a gênese de uma relação

Revista Brasileira de História & Ciências Sociais
Vol. 5 Nº 9, Julho de 2013

histórica de parentelas da família Neves com o patrimônio da igreja católica do município

Em 1912, a sede da paróquia é retirada de Alagoa de Monteiro e passa a ser na vizinha São Sebastião do Umbuzeiro. Provavelmente, esta transferência de sedes é conseqüência da chamada "Guerra de 12" que transformou Alagoa de Monteiro em um campo de batalha durante um período de quase cinco anos. Esta guerra foi protagonizada pelo grupo do juiz e coronel Augusto Santa Cruz contra o Coronel Pedro Bezerra, apoiado pelo governo estadual de Álvaro Machado e sua oligarquia. O conflito ganha ares de "revolução" na medida em que o grupo de Santa Cruz, o " Doutor Cangaceiro", segue em expedição para o interior da Paraíba, saqueando e conquistando cidades até chegar ao Juazeiro no Ceará, onde foram feitas negociações com o Pe.Cícero (FILHO,1997). Alguns membros da família Neves se envolveram nestas disputas tomando partido contra a família Santa Cruz, entre eles os capitães Zacarias Neves e Antônio Zeferino Neves, este que foi cruelmente assassinado durante um grande ataque feito pelos cangaceiros de Augusto Santa Cruz em Alagoa de Monteiro no mês de maio de 1911 (FILHO, 1997, p. 188). Tendo em vista esse conflito e suas conseqüências na igreja de Monteiro, o bispo Adauto Aurélio Henriques assina em 1912 um decreto criando a Freguesia de São Sebastião do Umbuzeiro (RIETVELD, 1999, p. 111).

2.1 O APOSTOLADO DA ORAÇÃO: PRIMEIRA ASSOCIAÇÃO DA PARÓQUIA

Já em 19 de janeiro de 1913, o jovem Pe. Arthur Cavalcanti, primeiro vigário da nova paróquia, registra em uma bonita caligrafia as bênçãos e "intenções" nas primeiras páginas do caderno de atas do Apostolado da Oração. No dia da criação, o Apostolado tem como primeiros presidentes pessoas das famílias Feitosa e Costa Ventura. Em 13 de março de 1914 é registrado nas atas do Apostolado a entrada de Maria Joaquina Neves encarregada do "zelo do altar do Sagrado Coração de Jesus". Tomamos por base o caderno de atas de 1913-1837 para fazer o diagrama abaixo que mostra a entrada sistemática de outras pessoas da família Neves (mais do que qualquer outra família) para os cargos de zeladores (Z); secretarias (S) e tesourarias (T):

DIAGRAMA 1: A FAMÍLIA NEVES NO APOSTOLADO DA ORAÇÃO (1913-1937)

Ignácia Neves (Z)

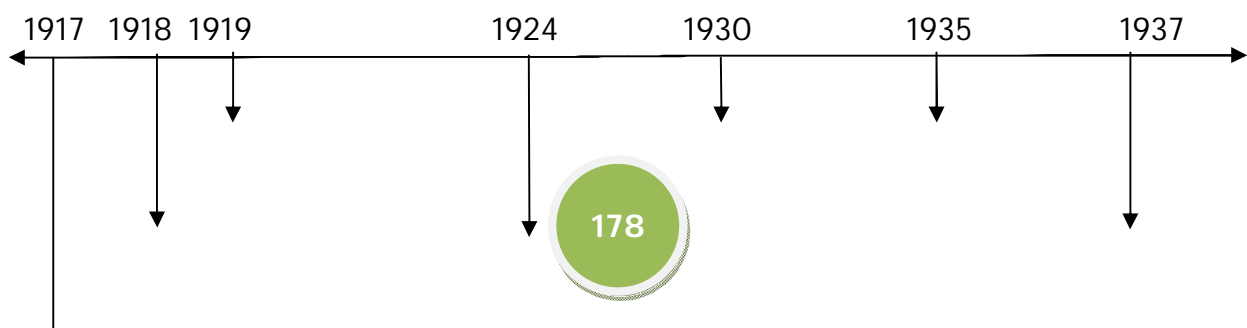
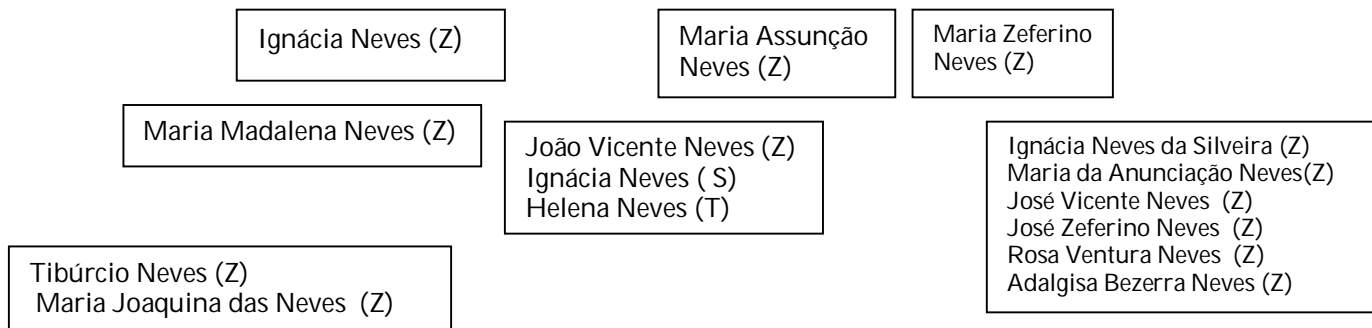
Maria Assunção Neves (Z)

Maria Zeferino Neves (Z)

Maria Madalena Neves (Z)

João Vicente Neves (Z)
Ignácia Neves (S)
Helena Neves (T)

Ignácia Neves da Silveira (Z)
Maria da Anunciação Neves(Z)
José Vicente Neves (Z)
José Zeferino Neves (Z)
Rosa Ventura Neves (Z)
Adalgisa Bezerra Neves (Z)

Tibúrcio Neves (Z)
Maria Joaquina das Neves (Z)

Depois de 1938, com a entrada do Frei Antonio Kraienhorst na paróquia, os registros das atas do Apostolado passam a tratar menos das "demandas locais" como o direcionamento das orações para temas como a 2ª Guerra Mundial, " os perigos do communismo"; "combate a imoralidade dos livros e cinemas" e a situação da igreja católica no Japão e em países da África. Essas temáticas mostram como o Apostolado era muito mais que um grupo de orações: na ausência ou pouca disponibilidade de meios de comunicação de mais alcance como o rádio, o Apostolado constituía a principal fonte de informação entre seus membros dos fatos que aconteciam no mundo.

Em 1938, Inácia Neves, que já era zeladora, é eleita presidente do Apostolado sendo acompanhada na secretaria por Rosa Ventura Neves. Após Inácia, segue-se a presidência de Formosina Rodrigues Neves (1952-1963). Um dado interessante é que Inácia, Rosa e Formosina se sucederam nas secretárias da paróquia que, dentre outras funções, administra o pagamento das "taxas do patrimônio".

De acordo com Rietveld (1999) o Apostolado é praticamente desativado entre os anos 1963 e 1982, até que o Pe. Frederico te Lintelo, reativa o Apostolado, e a presidência é assumida por Maria Celeste Neves, sendo auxiliada na tesouraria por sua irmã, Cacilda Zeferino Neves, que é secretária da paróquia até os dias atuais.

1.2 A SOCIEDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO (VICENTINOS)

Os Vicentinos fazem parte de um movimento que começou em Paris, no século XIX, que trata da formação de sociedades católicas de leigos, voltadas exclusivamente para a caridade (SSVP, 1998). A conferência local dos Vicentinos de São Sebastião do Umbuzeiro foi fundada em 1923. Em uma entrevista, um dos presidentes, Sr. Rogério Batista faz referência ao período de 1990-1992 em que ele foi secretário dos Vicentinos, citando Metódio Pereira Neves como presidente:

> **Valdênio**- Teve algum nome forte aqui?
> **Rogério Batista**- Metódio Pereira Neves (...) Eu achava ele muito conselheiro sabe? (...) muito calmo a forma dele agir (...) era mais de agir com conselhos porque era uma pessoa calma (...) a pessoa calma tem aquela tendência de participar das coisas e ser mais conscientes (...) do que deseja realmente fazer dentro de uma comunidade, né? E era participativo em tudo em festas, organização de festas então em participação são ligadas principalmente a igreja ele tava de dentro.

Essa foi a 3ª e ultima gestão de Metódio Neves que já havia sido presidente dos Vicentinos entre 1967 e 1971. Nesse mesmo período Metódio Pereira Neves chegou a ser vereador de São Sebastião do Umbuzeiro.

1.3 “A UNIÃO CATHÓLICA”: UMA ASSOCIAÇÃO PARA A REFORMA DA IGREJA

“A União Cathólica pode ser considerada a primeira associação moderna de São Sebastião do Umbuzeiro” (RIETVELD, 1999, p.171). Estruturada como “pessoa jurídica” através de estatutos, a “União Cathólica “foi fundada em 1937 e tinha alguns dos pré-requisitos para ser sócio: morar na Freguesia de São Sebastião; saber ler e escrever e, ao entrar na União, dar um donativo mínimo e seguir anualmente com uma contribuição. Geralmente essas doações eram feitas em dinheiro ou em animais (bois e bodes).

Extinta em 1977, a “União Cathólica” deixou como principal legado a administração dos bens da paróquia e o levantamento de fundos para uma grande reforma da igreja de São Sebastião do Umbuzeiro entre 1930 e 1950. Diferente do Apostolado da Oração, em toda sua existência a União foi composta majoritariamente por homens:

TABELA 1: DIRETORIAS DA “UNIÃO CATHOLICA” EM SÃO SEBASTIÃO DO UMBUZEIRO (1921-1977)

Anos	Presidente	Secretário	Tesoureiro
1921-1937	José Bezerra Villa Nova	Estanislau Ventura	Estanislau Ventura
1937-1944	Joaquim Ferreira Neves	José Bezerra Lafayette	Joaquim Ferreira Agra
1944-1949	Vicente Rodrigues Neves	Miguel Clemente Neves	
1950-1967	José Vicente Neves	Abelardo Costa	Manoel Bezerra Neves
1967-1970	Abelardo Costa	Bartolomeu de Freitas	Manoel Bezerra Neves
1970-1977	Metódio Pereira Neves	Abelardo Costa	Nilo Bezerra Neves

Fonte: (RIETVELD, 1999, p. 173)

Em quase todos os anos de existência da União havia pessoas da família Neves na presidência. Em 05 de outubro de 1944 o então pároco, Frei Mauro Joester – que foi também responsável pelo projeto arquitetônico da igreja - escreve no caderno de Atas da União uma homenagem a Joaquim Ferreira Neves, que renunciara ao cargo de presidente para morar com sua família na cidade de Arcoverde:

> Na despedida do Sr. Joaquim Ferreira Neves sente-se obrigado o vigário a exprimir sua satisfação sobre o progresso da União Católica de São Sebastião. Folheando e relendo as atas dos últimos anos percebe-se uma continua e firme vontade para colocar a união segura em si mesma (...) Não há dúvidas, um grande progresso! O valor da união subiu em poucos anos de uns contos para vinte e tantos. Nisso a maior parte eficiente tem o Sr. Joaquim Ferreira Neves, que como presidente, sem descanso dirigiu e animou os seus colegas. Quando houve dificuldades, e houve diversas, ele enfrentou-as, mesmo resultando desgostos e prejuízos para a própria pessoa.

Nesse sentido, as atividades da União Catholica redesenham a relação já estabelecida da família Neves com a igreja desde a doação original do patrimônio da paróquia. Sendo pessoas da família Neves legitimadas pela paróquia como eficientes "gestores" do patrimônio paroquial há uma forte tendência desta família para defesa destes bens materiais.

Podemos ilustrar esse "apego" dos Neves ao patrimônio da igreja em pelo menos duas situações de conflito acerca de mudanças em espaços físicos da paróquia. A primeira delas foi em razão da substituição da cruz do mais antigo cruzeiro de São Sebastião do Umbuzeiro, construído em 1901. No ano do centenário do cruzeiro, a Sra. Zélia Neves escreve um manifesto com o título *"Preserve o que construiram nossos antepassados, porque representam a história e as raízes do nosso povo*". No texto Zélia Neves faz uma introdução falando da importância de guardar as memórias dos pais e avós e, em seguida, argumenta:

> "Onde eu quero chegar? Na memória da nossa querida cidade São Sebastião do Umbuzeiro. Pois a memória desta cidade se mistura com a nossa própria memória. As casas antigas, os costumes, a culinária, as danças do povo que a fundou, e até mesmo a nossa forma de falar, fazem parte da nossa cultura, da nossa história. O Cruzeiro, com sua cruz singela, tem também muito a ver com a nossa história. Você já pensou fazermos uma comemoração de 100 anos do Cruzeiro de São Sebastião do Umbuzeiro com uma cruz nova? Não teria sentido! A gente vai sim,

> comemorar os 100 anos do nosso cruzeiro com a cruz antiga, com 1 século de existência! Essa cruz tem muito valor para nós".

Outra situação foi uma recente reforma na casa paroquial que feita a contragosto de muitas pessoas da família Neves. De acordo com uma das pessoas que trabalharam na reforma, Sr. Lourival Santos[4], mesmo "com cupins e as portas caindo, esses Neves queriam segurar as coisas antigas" e foram contrários as mudanças na casa paroquial que fica atrás da igreja matriz da paróquia.

Além dessa ligação com o patrimônio material, as estratégias de afirmação da família Neves se estendem através da formação de comissões organizadoras da festa do padroeiro São Sebastião do Umbuzeiro, junto a uma defesa de elementos simbólicos, como os rituais das procissões, que fazem parte das comemorações da "festa de janeiro".

2- VIVA SÃO SEBASTIÃO! A FAMÍLIA NEVES DENTRO DE DISPUTAS NA "FESTA DE JANEIRO"

A "festa de janeiro" como é conhecida pelos habitantes de São Sebastião do Umbuzeiro é uma das maiores festas de padroeiro do Cariri Paraibano. O período de 11 a 20 de janeiro é a época do ano em que a cidade fica mais movimentada: acontecem procissões e eventos da igreja, leilões, vaquejadas, bingos e shows no pavilhão "Abelardo Costa Leitão".

A festa, que tem origem em uma novena para São Sebastião, possui um forte discurso de exaltação sob o argumento de que o mês de janeiro é o momento em que os "filhos da terra", que moram em regiões distantes[5] voltam para visitar suas origens. Esse apelo pode ser visto em um convite para a festa de janeiro de 1977:

> Uma novena chama o povo ao redor de seu padroeiro. Você gosta de São Sebastião? Das atitudes heróicas diante do Imperador Diocleciano, de sua força de suportar o martírio? Você gosta do ambiente familiar e acolhedor de São Sebastião do Umbuzeiro. Todo ano vem de muitos recantos do país amigos do Santo e filhos da terra. É uma só família alegre e folgada. Participe da festa que é mais que festa, é uma reunião de família.

---

[4] Este nome é um pseudônimo. A família do Sr.Lourival Santos possui uma certa rivalidade pessoal com a família Neves, na medida em que seus avós foram escravos que trabalhavam nos sítios dos Neves.

[5] Entre a década de 1960 até final da década de 1980 houve um forte movimento de migração de jovens e até famílias inteiras de São Sebastião do Umbuzeiro para São Paulo.

A partir da emancipação política do município (1959), a “festa de janeiro” passa gradativamente a ter, além da novena, leilões, bingos e pequenas apresentações da banda de pífanos, pastoril e trios de forró. Também passam a ser mobilizadas comissões organizadoras para arrecadação de dinheiro para o pagamento das bandas e despesas da festa. Destaca-se nesse período o nome de Abelardo Costa Leitão que esteve durante muitos anos na presidência da comissão organizadora da festa e organizava os primeiros pastoris e a vinda bandas de forró. O pavilhão da festa, onde acontecem os principais shows, tem o nome em sua homenagem.

Nessas mobilizações para juntar recursos para a festa é que surgem os “noiteiros” que eram pessoas que patrocinavam os eventos nos dias da festa. Observando os convites das festas de 1976 e 1977; 1987 e dos anos de 1991 a 2013 podemos notar que, apesar de ter um rodízio de noiteiros, alguns nomes e suas respectivas famílias permanecem ligados a dias específicos da festa:

TABELA 2: NOITEIROS DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO DO UMBUZEIRO

DIAS DA FESTA*	NOITEIROS	ANOS
12 de Janeiro	Antônio Feitosa (Família Feitosa)	1977
	Nilo Bezerra Neves (Família Neves)	1987,1991-2013
13 de Janeiro	José Vicente Neves (Família Zeferino Neves)	1976,1977, 1987, 1991-2013
14 de janeiro	João Feitosa Ventura (Família Feitosa)	1977
	Abelardo Costa (Família Costa Leitão)	1987; 1991-2013
15 de janeiro	Inácio Souza (Família Souza)	1976,1977

	João Feitosa (Família Feitosa)	1991-2013
16 de Janeiro**	Chico Mariano e família	2005-2013
18 de Janeiro	Abelardo Costa (Família Costa Leitão)	1976-1977
	Antenor Campos (Família Campos)	1987;1991
	Família Fernandes	1998-2000;2002-2013
	Prefeitura Municipal	2001
19 de Janeiro	Prefeitura Municipal	1976,1977, 1987, 1991-2000; 2002-2013
	Descendentes de João José da Silva (Família Fernandes)	2001
20 de janeiro	Família Figueiredo	1999

*Os dias 11 e 17 não possuem noiteiros específicos sendo "patrocinados" por grupos de pessoas (Casais e Senhoras da comunidade, Juventude etc.). Com a exceção de 1999, o dia 20 é o dia do padroeiro e não tem noiteiros.
**O dia 16 é o dia de homenagem aos vaqueiros através de vaquejadas e a "Missa do Vaqueiro".

A Tabela 2 mostra como a família Neves fixa "noiteiros" entre os dias 12 e 13 que são dias de homenagem aos grupos de oração da paróquia: o Terço das Mulheres e dos Homens, Sagrado Coração de Jesus e os Apostolados da Oração. Nos anos de 1999 a 2001 essas homenagens da família Neves aos grupos de igreja são reforçadas com o uso de fotografias nos convites da festa, dentro de um jogo "não declarado" de disputas principalmente com as famílias Figueiredo e Fernandes. E é através dos noiteiros se estabelece uma "batalha" que envolve estratégias de afirmação e imposição de imagens ideais das famílias "tradicionais" de São Sebastião. Nota-se aquilo que Heráclio do Rêgo (2008) aponta nas estratégias familiais de impor um nome através do uso fotografia como forte estratégia de imposição de uma representação que os membros da família tem deles mesmos (HERÁCLIO DO RÊGO, 2008, p. 19).

Destacamos como as imagens e apelo dos convites apontam para estas disputas entre noiteiros, especialmente após a publicação, em 1999, do livro *Na sombra do Umbuzeiro* do Pe. João Jorge Rietveld que traz um rico material fotográfico e

documental unido a uma versão sobre história da fundação da paróquia e do município que é favorável aos Neves. A partir disso, as outras famílias se mobilizam para expor nos convites homenagens e fotos antigas dos seus "patriarcas e matriarcas". Já na festa de 1999, a família Figueiredo assume a presidência da festa e da posição de "noiteiro" do dia 20 de janeiro. No convite da festa há uma homenagem póstuma com uma fotografia do casal Manoel e Lídia Figueiredo. No ano seguinte, sobre a presidência da família Neves, nos dias 12 e 13 é instituída uma homenagem à bíblia e são realizadas confraternizações entre todos os apostolados dos municípios vizinhos da paróquia. Na parte interna do convite está em destaque uma fotografia de Mariano José das Neves acompanhado das palavras: "fundador desta cidade". Já em 2001, a família Fernandes, que desde 1998[6] já tinha conseguido se estabelecer como o "noiteiro" do dia 18, tem a presidência da festa. No convite são colocadas as fotografias de Malaquias Batista Feitosa e Sebastiana Fernandes Batista (Dona Sinhá) seguidas de uma mensagem:

> "Coube a nós, Netos de Malaquias Batista e Sinhá Fernandes a dificil tarefa de manter viva em Capitão-Mor e Pitombas, a memória dos nossos antepassados, desde o patriarca João José, que a golpes de coragem desbravou esta terra, então selvagem."

À esta lembrança do Capitão João José é anexada uma homenagem aos "filhos" de São Sebastião do Umbuzeiro " aos almocreves que a sombra dos centenários Umbuzeiros deu origem aos casarios, que deu origem ao povoado". Não é feita nenhuma referência a doação do patrimônio da paróquia e nem ao nome do Capitão Mariano das Neves, rival do Capitão João José. Desde 2001, a família Fernandes é apresentada nos convites da "festa de janeiro" como os descendentes de João José.

A FESTA DE JANEIRO DE 2013 E A "QUESTÃO" DA PROCISSÃO DO RAMO.

Realizada a noite após uma missa, a procissão do ramo é o que marca a passagem entre "noiteiros" da festa de São Sebastião do Umbuzeiro. Maria Celeste Neves afirma que "o costume pede que na calçada da frente da igreja, o noiteiro de hoje entregue um ramo de flores e faça saudações ao noiteiro de amanhã". Entre os dias 12 e 13 de janeiro de 2013, o ramo passará entre duas pessoas da família Neves: da Sra. Zélia Neves, que

---

[6] Nesse mesmo ano a prefeita Fátima Fernandes Batista representava a força do grupo político da família Fernandes na prefeitura de São Sebastião do Umbuzeiro .

representa a memória do noiteiro Nilo Bezerra Neves, para Cacilda Neves, que representa os Zeferino Neves, através da memória de seu pai José Vicente Neves. Após o fim da missa, as pessoas que estão na igreja seguem em procissão que atravessa a praça central chega até o pavilhão onde fica o palco principal e depois volta para a igreja. A frente da procissão segue: o Pe. Severino, os coroinhas carregando estandartes do santo e com um turíbulo dispersando o incenso; o andor com a imagem de São Sebastião em que se revezam quatro a seis pessoas para carregá-lo e, ao centro, a Sra. Zélia Neves com um ramo de flores em suas mãos. A procissão segue logo atrás acompanhada por uma ala das senhoras do Apostolado, Filhas de Maria e do Terço com suas fitas vermelhas nos ombros. Elas puxam o coro de vozes que cantam o hino de São Sebastião, que tem o seguinte refrão: “Viva São Sebastião/ Viva São Sebastião/ Que no meio daquela gente desumana resolveu ser um cristão”. No cortejo segue também uma banda de pífanos.

Após dar uma volta na praça, a procissão para na frente da igreja matriz onde a Sra. Cacilda Neves está posicionada. O Pe.Severino avisa que a passagem do ramo vai ser feita dentro e não fora da igreja. Mesmo achando estranho o pedido do padre, Cacilda Neves vai para o altar da igreja para esperar o ramo que está vindo nas mãos de Zélia Neves que é seguida pelo andor e os estandartes de São Sebastião. Nesse momento, a Sra. Celeste Neves, inquieta, chega próximo a mim e diz que “ nunca ouviu falar do ramo ser entregue dentro da igreja”.

Antes de Cacilda Neves receber o ramo, o Pe. Severino começa o ritual da passagem dando “vivas” à igreja. Neste momento, o hino de São Sebastião é interrompido e o microfone passa para Zélia Neves que, empolgada, faz um discurso em defesa do prefeito Francisco Alípio “Chico” Neves e parabeniza o início da obra de pavimentação da estrada que liga São Sebastião do Umbuzeiro ao município de Zabelê. Em seguida, Zélia termina sua fala fazendo as saudações na seguinte ordem: primeiro a Deus, depois a igreja e São Sebastião e por fim, a Cacilda e a família Neves que recebe o ramo.

Na noite seguinte temos a passagem do ramo entre Cacilda Neves e o representante da Família Costa Leitão. O Pe. Severino solicita que devido a“ hora já está avançada” não seja feita procissão do ramo e que este seja entregue dentro da igreja ao final da missa. O ritual segue a solicitação do Padre mas é visível o incômodo de algumas pessoas da família Neves que estão sentadas nas cadeiras próximas ao altar. No dia seguinte,

circulam boatos na cidade de que o padre queria "acabar" com o ramo. A Sra. Cacilda Neves, mostrando uma foto do seu pai José Vicente Neves com o ramo, defende a procissão do ramo dizendo que é uma bonita cerimônia e não pode acabar. A Sra. Maria Celeste Neves reforça o argumento e resgata na memória que o ramo foi criado nas antigas novenas de São Sebastião, por iniciativa de sua tia-avó, Francisca, casada com Joaquim, filho do Capitão Mariano das Neves.

Na noite do dia 15 acontece a procissão do ramo que é repassado entre os representantes das famílias Costa e Feitosa. Após as costumeiras saudações dos noiteiros, o Pe. Severino pede o microfone e explica os motivos do pedido da noite anterior para não fazer a procissão do ramo. O padre argumenta que a festa religiosa e a festa "social" devem ser separadas e que, como a missa atrasou, não achou sensato que a procissão e a "imagem de São Sebastião" passassem próximos ao pavilhão da festa onde os bares e lanchonetes já começavam a ficar cheios para as festividades da noite.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da segunda e terceira parte deste artigo a ênfase foi dada a pelo menos dois conjuntos de estratégias familiais que envolvem parentelas dos Neves e a igreja católica de São Sebastião do Umbuzeiro. De um lado, táticas de associação de nomes da família Neves com mobilizações coletivas ligadas a gestão do patrimônio da paróquia e, do outro, temos uma batalha "simbólica" dos Neves com outras famílias em defesa do seu espaço e dos rituais na "festa de janeiro". Contudo, estas não são as únicas estratégias dos Neves. Há uma série de outras estratégias familiais que não destacamos durante o artigo: os casamentos entre primos e a partilha de terras; as investidas dos Neves na prefeitura municipal e um processo mais recente de instalação da associação e usina de caprinocultores, através do Sr. Milton Neves (MENESES; GOMES; 2012). Se fosse possível um plano geral destas estratégias familiais poderíamos chegar no que Bourdieu (2008) chama atenção para um *conatus*, um projeto de disposições herdadas e transmitidas, inconscientemente, "por ações educativas orientadas para perpertuação da linhagem" (BOURDIEU, 2008,p. 232). Por mais que pareçam atos simples e "desinteressados", na participação da Sra. Cacilda Neves na ornamentação da igreja ou no costume que o pai da Sra. Luzinete Neves, tinha de todas a noites ensinar aos filhos

orações de vários santos, há todo um "projeto" de reprodução de um conjunto de práticas sociais que capitalizam posições de poder para uma família.

As aspas na palavra "projeto" nos servem para reforçar o argumento de que estas táticas e disputas em torno da afirmação de uma imagem ideal – que esboça um titulo de "uma nobreza católica" – não indicam que a família Neves tenha atravessado quase um século e meio com um planejamento orientado e consciente para a dominação da paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro. Sobre o pensamento do Norbert Elias acerca dos processos sociais e interdependências Heinich (2001) destaca que reconhecer a ausência de um plano orquestrado não é incompatível com "a existência, mesmo que inconsciente, de uma coerência, de uma ordem, de uma estruturação que o pesquisador deverá colocar em evidência" (HEINICH, 2001, p.20). E para dar tal coerência é que buscamos evidenciar até que ponto ,em um cenário de figurações e interdependências entre diferentes famílias, é traçada uma geometria específica de relações de poder que geram as "auto-imagens" de "guardiões" do patrimônio material e dos rituais da igreja que são transmitidas e herdadas entre os Neves .

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BOURDIEU, Pierre. Contradições da herança. In: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Orgs.) Escritos de Educação, 9 ed., Rio de Janeiro, Vozes, 2007.

_____________. O senso prático, Petrópolis, Vozes, 2009

DECHAUX, Jean-Hughes. Sur Le concept de configuration: quelques failles dans la sociologie de Norbert Elias. Cahiers internationaux de Sociologie, Vol. 99, p. 293-313, 1995

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John S. Os estabelecidos e os outsiders. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 2000

___________. Escritos e Ensaios 1: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006

FILHO, Pedro Nunes. Guerreiro Togado: Fatos históricos de Alagoa de Monteiro. Recife: Ed. Universitária – UFPE. 1997

HEINICH, Natalie. A sociologia de Norbert Elias. Bauru, SP, Edusc, 2001

HERÁCLIO DO REGO, André. Família e coronelismo no Brasil - uma história de poder. 1ª. ed. São Paulo: A Girafa, 2008.

MENESES; Valdênio; GOMES; Ramonildes. A caprinocultura no Cariri Paraibano: políticas públicas, associativismo e relações de poder. XV CISO – Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste, Teresina-PI, 2012.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O coronelismo em uma interpretação sociológica. In FAUSTO, Bóris. (Org.) História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III, v.1. São Paulo, Difel, 1985. p. 155-190.

QUILLEY, Stephen. ; LOYAL, Steven. Towards a “central theory”: the scope and relevance of the sociology of Norbert Elias In: LOYAL, Stephen ; QUILLEY,Steven (Orgs.) The sociology of Norbert Elias , Cambridge University Press, 2004. p. 2-24

RIETVIELD, João Jorge. Na sombra do Umbuzeiro: história da paróquia de São Sebastião do Umbuzeiro. João Pessoa: Imprell, 1999

VELHO, Gilberto. “Observando o familiar” In: NUNES, Edson. (Org.) A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 36-46.

WOORTMAN , Klaas . A etnologia (quase) esquecida de Bourdieu, ou que fazer com heresias. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 19, n. 56, p. 129-137, out. 2004

Recebido em Maio de 2013

Aprovado em Julho de 2013